

FORMAÇÃO DE CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

NÚBIA RECH
(PGUFSC)

ABSTRACT *This paper aims mainly at investigating if there is the formation of resultative constructions with simple adjective in Brazilian Portuguese, since researchers disagree on the existence of these constructions in Romance Languages. To start this discussion, first I make a distinction between resultative, depictive and circumstantial constructions. Then, I relate some of their main characteristics, testing how they appear in sentences written in Brazilian Portuguese. Afterwards, I propose an extension of Folli and Ramchand (2001)'s analysis on the Portuguese. These authors use a structure of verb phrase that consists of three different projections, each one consisting in a subpart of the event: Cause, Process and Result. My hypothesis about the Brazilian Portuguese is that the verbs of causative alternation – as they imply change of state – are the head of Result projection and have as their complement an adjective small clause (SC), whose predicate indicates the telic aspect of event, forming a resultative construction. Following this perspective of analysis, I study the possibility of formation of adjective resultatives with atelic and telic verbs that admit causative alternation. I also approach – although briefly – other types of constructions that express results, whose secondary predicates are, respectively, a complex adjective phrase, a PP or a DP. In this paper, only the constructions resulting from verbal actions are considered. Thus, goal of motion constructions – in which prepositions indicate the following of movement and its ending – and resultative constructions with causative verbs are not considered. The results show that there are not resultative constructions in the Brazilian Portuguese equivalent to those found in Germanic Languages, in which an atelic verb becomes a telic verb by adding a resultative secondary predicate to the sentence.*

1. CARACTERIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS: ADJETIVAS RESULTATIVAS VS ADJETIVAS NÃO-RESULTATIVAS

As construções resultativas são predicados secundários que indicam o resultado da ação descrita pelo predicado primário. Nessas construções, há um objeto direto que recebe a predicação de uma propriedade adquirida por efeito da ação verbal, que constitui o único evento da construção. As construções resultativas ditas verdadeiras, cujo resultado da ação descrita por um verbo atelico é expresso por um AP¹, são bastante produtivas no inglês. Um exemplo clássico para ilustrar essas construções é dado em (1):

¹ A definição de resultativas a que faço referência aqui é baseada em Folli e Ramchand (2001) e em Rothstein (2004) e será retomada na seção 4.

- (1) John hammered the metal flat.
John martelou o metal plano.
“John martelou o metal de tal forma que ele ficou plano, chato.”

O predicado *plano* em (1) adquire uma leitura resultativa, pois a interpretação da sentença é que *o metal* tornou-se *plano* como um resultado da ação *martelar*. A propriedade que resulta da ação verbal é denominada predicado secundário, sendo o verbo o predicado principal. A sentença tem, portanto, dois núcleos predicativos. A propriedade *plano* delimita o evento, marcando-o aspectualmente como télico, licenciando, assim, a interpretação resultativa.

As construções descritivas (*depictives*) são semelhantes às resultativas ao admitirem um AP como predicado secundário, mas contrastam com estas ao não vincularem um resultado à ação (ou estado) verbal, conforme mostra o exemplo (2), de Legendre 1997 (apud Kratzer, 2004, p. 3):

- (2) J'ai connu Marie heureuse.
Eu conheci Maria feliz.
“Eu conheci Maria quando ela/eu estava feliz.”

Há, ainda, as construções denominadas circunstanciais, cujo predicado secundário se refere apenas ao sujeito do verbo. À semelhança do que ocorre nas construções descritivas, o predicativo também não descreve um resultado da ação verbal, como mostra o exemplo (3).

- (3) The teacher came to the meeting drunk.
O professor veio à reunião bêbado.
“O professor estava bêbado quando veio à reunião.”

Embora envolvendo um verbo e um adjetivo, as construções acima não recebem uma interpretação causal. Em (3), por exemplo, *o professor* não ficou *bêbado* como resultado do evento *ir à reunião*. Podemos inferir a partir da sentença (3) que o professor já estava bêbado quando foi à reunião; *bêbado* descreve, portanto, o estado em que o professor se encontrava ao realizar o evento, e não um estado resultante do evento.

Uma outra distinção importante entre as sentenças em (1) e (3) se refere à função exercida pelo indivíduo ou objeto que recebe a predicação. Em (1), a predicação secundária recai sobre *o metal*, que constitui o objeto direto do verbo; em (3), entretanto, *bêbado* predica do *professor*, que exerce a função de sujeito. A propriedade das construções resultativas predicarem apenas sobre o objeto direto do verbo, e não sobre o sujeito ou sobre um complemento oblíquo, foi formulada por Levin e Rappaport-Hovav (1995) sobre a forma de restrição sobre o objeto (DOR - do inglês *Direct Object Restriction*). Essa restrição “prediz que, se um verbo não tem objeto direto, então ele não pode aparecer com um sintagma resultativo.” (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1995, p. 35, tradução minha)². Apresento em (4) um dos exemplos que, segundo as autoras, manifesta a DOR:

² [...] predicts that if a verb has no object, then it cannot appear with a resultative phrase.

- (4) *Dora shouted hoarse.
Dora gritou rouca.

O verbo *gritar*, por pertencer à classe dos inergativos, não pode ter um predicado secundário que descreva um resultado, conforme revela a agramaticalidade de (4). Para essa sentença, a leitura de que *Dora tornou-se rouca* como um resultado de *ter gritado* é bloqueada³.

Relacionando a DOR, uma restrição sintática, com uma noção semântica, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 56) postularam a Regra de Ligação de Mudança de Estado (*The Change-of-State Linking Rule*). Ela dita que um DP relacionado à existência de uma mudança de estado em uma descrição no VP deve ser objeto direto do verbo que encabeça o VP. Essa regra fornece a explicação para os predicados resultativos serem somente predicados de objeto direto.

O português apresenta restrições à formação de resultativas com AP, como podemos constatar na impossibilidade de (5a)⁴ com um sentido correspondente à sentença (1), em oposição à boa formação de (5b,c), correspondente às sentenças (2) e (3) respectivamente.

- (5) a. # John martelou o metal plano.
b. Eu conheci Maria feliz.
c. O professor veio à reunião bêbado.

As diferenças manifestadas na transposição dos exemplos para o português contribuem para a distinção entre construções resultativas, descritivas e circunstanciais. O contraste entre a boa formação de (1) em oposição à agramaticalidade de (5a) constitui uma importante evidência para aqueles que postulam a impossibilidade de formação de resultativas verdadeiras em línguas românicas. Não há dúvidas de que o português difere do inglês, do alemão, do holandês e de outras línguas germânicas em relação à formação de resultativas, mas será que se pode estender a restrição manifestada em (5a) a todos os casos de resultativas com AP? Esta é uma das questões que pretendo abordar nas sessões subseqüentes.

2. PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS

2.1 Aspecto télico

Uma propriedade expressa pelo predicado secundário das construções resultativas é a transformação de um evento atélico em télico. Seguindo a classificação proposta por Vendler

³ No inglês, quando se quer formar uma resultativa a partir de um verbo inergativo, insere-se um falso reflexivo, que vai atuar como objeto:

Dora shouted herself hoarse.

Dora gritou ela mesma rouca.

“Dora gritou tanto até ficar rouca.”

⁴ O emprego do caractere ¹ indica que a sentença é possível em português, mas não com uma leitura resultativa.

(1967)⁵, essas construções descrevem eventos *accomplishments* ou *achievements*, que apresentam um ponto final definido. Na literatura, essa propriedade é testada com o acréscimo de sintagmas preposicionais (PPs) que indicam o aspecto (a)télico do evento⁶. As sentenças que denotam eventos atélicos combinam com um PP durativo (*por X tempo*), mas não com um PP delimitador do evento (*em X tempo*); ao passo que, se o evento for télico, aceitará apenas o PP delimitador, conforme mostram os exemplos em (6) e (7) respectivamente.

- (6) a. John hammered the metal.
John martelou o metal.
b. John hammered the metal *for an hour*.
c. *John hammered the metal *in an hour*.
- (7) a. John hammered the metal flat.
John martelou o metal plano.
b. *John hammered the metal flat *for an hour*.
c. John hammered the metal flat *in an hour*.

Em (6a), o evento é classificado como atélico, expressando atividade não-delimitada, o que é confirmado pela possibilidade de figurar com PP durativo, mas não com PP delimitador, conforme (6b-c). Em (7), entretanto, a situação se inverte, pois um predicado resultativo é incompatível com um PP durativo, mas admite a presença de um PP delimitador, conforme (7b-c).

2.2 Composição semântica dos adjetivos resultativos

Segundo Wechsler (2005), os adjetivos que figuram em construções resultativas devem ter um limite inerente. A composição semântica desses adjetivos é, portanto, diferente da dos adjetivos presentes nas predicacões primárias. Transcrevo a seguir um exemplo extraído de Wechsler (op. cit., p. 26) com adjetivos sem limite inerente, ou seja, dependentes do contexto pragmático para sua interpretação.

- (8) a. Michael Jordan is tall.
Michael Jordan é alto.
b. #completely tall; #totally tall
(#completamente alto; #totalmente alto)

Em (8a), a altura de Jordan é interpretada a partir de um padrão estabelecido pragmaticamente para jogadores de basquete, não podendo, portanto, ser alterada pelo

⁵ A distinção proposta por Vendler estabelece quatro tipos lexicais que implicam aspecto: (i) estados (*states*), (ii) atividades (*activities*), (iii) *accomplishments* e (iv) *achievements*. Essa classificação permite separar eventos que não têm um término definido, (i) e (ii), dos eventos delimitados, (iii) e (iv).

⁶ O teste do acréscimo dos sintagmas preposicionais *por/em* às sentenças para investigar o aspecto do evento é utilizado por muitos autores, dentre eles: Folli e Ramchand (2001), Folli e Harley (2002), Lobato (2004), entre outros.

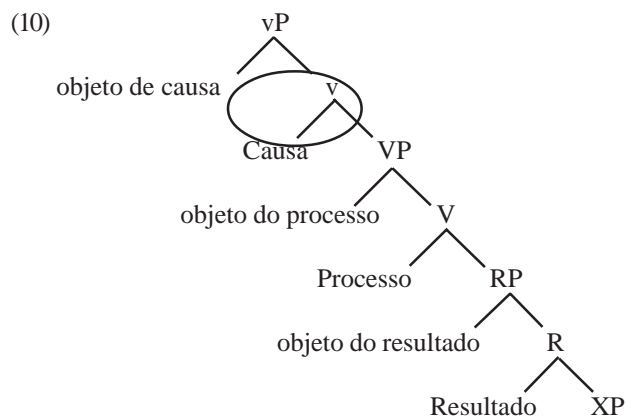
uso de modificadores como *completamente* ou *totalmente*, conforme mostra (8b). Esses modificadores, à semelhança das construções resultativas, parecem requerer adjetivos com um limite lexical inerente que possa ser alcançado quando o evento atinge seu ponto final. Observe em (9) o emprego desses advérbios em construções formadas com AP resultativo:

- (9) John hammered the metal completely/ totally flat.
 John martelou o metal completamente/ totalmente plano.
 “John martelou o metal até ele ficar completamente/ totalmente plano.”

Em (9), o advérbio *completamente/totalmente* modifica a propriedade expressa pelo predicativo, ou seja, o metal não está um pouco ou parcialmente plano, mas *completamente plano*, não podendo, portanto, tornar-se mais plano.

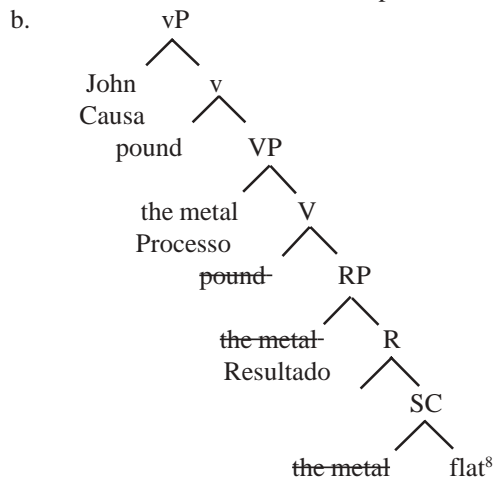
3. ESTRUTURADAS RESULTATIVAS

Folli e Harley (2002) introduzem a noção *flavours of v* para, dentre outras questões, investigar por que todos os verbos não se comportam igualmente em relação à alternância entre estruturas transitivas e inergativas. As autoras propõem que há três tipos diferentes de *v*: v_{CAUS} , v_{DO} , v_{BECOME} , estando cada um deles associado a uma configuração sintática distinta. Para a análise das construções resultativas, é importante distinguir entre v_{CAUS} e v_{DO} , pois esses verbos leves impõem diferentes restrições a seus sujeitos e complementos. Enquanto o v_{CAUS} seleciona um *estado* como seu complemento, criando uma estrutura resultativa, o v_{DO} pode selecionar um *tema*. Esta diferença em propriedades de seleção gera uma mudança na estrutura da oração. Em (10), apresento a representação de uma resultativa selecionada pelo v_{CAUS} , conforme proposto por Folli e Ramchand (2001, p.3):



A estrutura em (10) revela que as resultativas requerem um sintagma verbal que contenha três projeções diferentes e que cada projeção seja uma instanciação de uma subparte do evento. Folli e Ramchand argumentam que vP, VP e RP (sintagma resultativo) representam todos os componentes possíveis da estrutura do evento. A projeção vP introduz o evento causativo e licencia o argumento externo; VP especifica a natureza do processo/mudança e licencia o objeto do processo/mudança; e RP marca o aspecto télico do evento e licencia o objeto do resultado. O ponto essencial da proposta desses autores é que nas resultativas adjetivas “R encabeça uma SC, que descreve um estado. O núcleo R realiza a função de integrar semanticamente o estado como o resultado da transição anterior.” (FOLLI & RAMCHAND, 2001, p. 3, tradução minha)⁷. A representação em (11) ilustra essa proposta com um exemplo do inglês, em que um verbo atélico, como *pound* (bater/martelar), figura com um sintagma resultativo:

- (11) a. John pounded the metal flat.
 John bateu o metal plano.
 “John bateu o metal até ele ficar plano.”



A hipótese de Folli e Ramchand (2001) para a possibilidade de formação de resultativas adjetivas com verbos atélicos em línguas germânicas, como o inglês, é a presença de um núcleo resultativo nulo em R, que tem propriedades de predicador, licenciando o aspecto télico ao seu complemento, expresso por uma SC. As línguas românicas, em contrapartida,

⁷ The important point for our purposes is that the R in the syntactic tree above heads a small clause which simply describes a (non-dynamic) *state*. The R head itself performs the function of semantically integrating that state as the *result* of the previous transition.

⁸ As palavras tracejadas constituem cópias dos itens lexicais que se movem ao longo da derivação para checagem de traços f e de Caso. Ao término da derivação, todo material repetido é apagado, restando uma única cópia de cada expressão para que seja interpretada nos níveis de interface. O termo *flat* não está tracejado em (11b) por checar seus traços na mesma posição em que é gerado, não realizando, portanto, nenhum movimento.

não admitiriam resultativas adjetivas verdadeiras simplesmente pela ausência desse núcleo, cuja função é tornar acessível uma interpretação resultativa ao sintagma acrescido a um verbo atélico.

4. CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS NO PORTUGUÊS

No português, resultativas com AP não são produtivas. A tradução de uma resultativa do inglês para o português exige alteração na forma do predicado secundário, conforme revelam os exemplos a seguir, extraídos em parte de Lobato (2004, p. 146-7):

- (12) a. John painted the house yellow. (ingl.)
b. John painted the yellow house.
(13) a. John pintou a casa de amarelo.
b. John pintou a casa amarela.

Em (12a), a sentença adquire uma leitura resultativa, na qual o adjetivo *yellow* descreve o resultado da ação *paint*. Em (12b), entretanto, o adjetivo não exerce a função de um predicado secundário resultativo, pois expressa uma propriedade da casa anterior à realização da ação verbal. Em (13a), apresento uma tradução possível para a construção resultativa posta em (12a), pois o sintagma *de amarelo* é correspondente ao sintagma *yellow*, uma vez que ambos expressam o estado do objeto resultante da ação verbal. Já o adjetivo *amarela* em (13b) corresponde a *yellow* em (12b), ambos exercendo a função de adjunto adnominal.

Nesta seção, tenho por objetivo averiguar quais estruturas o português apresenta para a formação de predicados resultativos. Conforme já sinalizei acima, o inglês e o português revelam um comportamento bem distinto em relação à formação de resultativas com AP. Em um primeiro momento, somos levados a afirmar que essas construções são bastante produtivas no inglês e estão ausentes no português. Há, entretanto, alguns casos do português que merecem uma atenção especial, por gerar dúvidas quanto à sua classificação como resultativas adjetivas ou adverbiais.

Um outro aspecto que pretendo abordar é o papel que o verbo desempenha na formação de uma resultativa no português. Com base na Restrição sobre o Objeto Direto aliada à Regra de Ligação de Mudança de Estado (LEVIN & RAPPAPORT-HOVAV, 1995), tenho por hipótese que verbos participantes de alternância causativa, como *quebrar*, *secar*, *abrir...*, admitem sintagmas resultativos (até mesmo APs), pois licenciam o aspecto télico, uma vez que implicam mudança de estado. Essas construções, contudo, diferem das resultativas com AP no inglês, que podem ser formadas quase exclusivamente com verbos atélicos, como *hammer* (martelar) [cf. vimos em (1)].

O português parece, entretanto, admitir adjetivos resultativos no predicado secundário com verbos atélicos quando o predicado constitui um sintagma complexo sintaticamente, ou seja, quando os adjetivos assumem a forma superlativa, tanto pela sua duplicação quanto pelo acréscimo de um advérbio de intensidade, como em *Joana limpou a casa*

limpinha, limpinha/bem limpinha. Segundo Folli e Ramchand (2001, p. 16), essas construções apresentam uma estrutura complexa sintaticamente, contendo uma categoria funcional diferente da presente na estrutura com adjetivos simples.

Na seqüência, trato de construções em que o predicado resultativo é formado por um PP. É interessante averiguar, nesses casos, se o PP consiste num resultado direto da ação verbal ou se é uma conseqüência do modo como a ação é realizada.

Finalizo a seção, apresentando as resultativas em que o predicado secundário assume a forma de um DP. Cabe mencionar que essas construções se restringem a poucos verbos, constituindo um processo improdutivo no português.

4.1 Sintagma adjetivo simples no predicado secundário de construções com verbos transitivos sem alternância causativa

Verbos como *cortar, desenhar, costurar e fabricar* podem formar predicados télicos, dependendo do objeto com o qual se combinam na construção, conforme mostram os exemplos em (14), extraídos de Foltran (1999, p. 190):

- (14) a. Ela cortou o cabelo curto.
b. Ele desenhou o círculo torto.
c. Ela costurou a saia justa.
d. Ele fabricou a cadeira torta.

As sentenças (14a-d) adquirem, sem dúvida, uma leitura télica, esta, entretanto, não deriva do acréscimo do predicado secundário, mas sim da combinação do verbo com o seu objeto, formando um *accomplishment* (processo culminado). Portanto, o verbo *cortar* não descreve por si só um processo télico. A combinação deste verbo com um objeto no singular nu, como em: “*Marta corta tecido dia e noite*” ou “*Joana corta cabelo no Corte Zero do Iguatemi*” denota uma interpretação atélica, pois veicula uma atividade, sem um ponto final definido. Já o predicado *cortar o cabelo*, com um objeto definido, indica um processo télico, pois descreve uma ação com um ponto final determinado, que aponta para a culminação do processo *em X tempo*. A análise proposta para (14a) pode ser estendida aos exemplos em (14b,c,d), cujos verbos formam predicados télicos pela combinação de seus traços com os traços de seu objeto. Nessa perspectiva, as sentenças em (14) não constituem exemplos de construções resultativas verdadeiras, uma vez que são télicas independente da presença do adjetivo. Nessas sentenças, não é o predicado secundário que altera a classe aspectual do verbo, a qual é definida pela combinação das propriedades do verbo com as do objeto com o qual figura na construção.

Kratzer (2004, p. 42-43) classifica construções do francês semelhantes a (14a) em resultativas adverbiais, uma vez que o adjetivo está exercendo uma função adverbial, constituindo uma resposta adequada a questões que indagam sobre o

modo de realização da ação⁹. Sem dúvida, os predicados secundários em (14) constituem respostas possíveis quando alguém pergunta sobre o modo como uma ação foi realizada, conforme revelam os enunciados em (15):

- (15) a. Como ela cortou seu cabelo? *Curto*.
b. Como ele desenhou o círculo? *Torto*.
c. Como ela deve costurar a saia? *Justa*.
d. Como ele fabricou a cadeira? *Torta*.

O exemplo (15a) mostra que *curto* é uma das respostas possíveis quando alguém pergunta sobre o modo como um cabelo foi cortado. Os itens (b,c,d) recebem uma análise semelhante, pois também constituem respostas adequadas a questões que indaguem sobre o modo de realização de uma ação. Entretanto, este teste não constitui evidência suficiente para a classificação das construções em (14) como adverbiais, pois a alteração do nome que exerce a função de objeto direto por um substantivo feminino no plural revela que os predicados secundários apresentam propriedades de adjetivo, conforme mostram os exemplos em (16):

- (16) a. Ela cortou as unhas curtas.
b. Ele desenhou as circunferências tortas.
c. Ela costurou as saias justas.
d. Ele fabricou as cadeiras tortas.

A modificação do nome em (16) exige a flexão do predicado secundário em gênero e número, a fim de que estabeleça a concordância com o substantivo ao qual se refere, como fazem os adjetivos, mas não os advérbios, que admitem apenas flexão em grau.

Além disso, a palavra interrogativa *como* indaga não apenas sobre o modo de realização de ações, mas também sobre estados de objetos e indivíduos, que são dados pela classe dos adjetivos, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (17) a. Como está a mesa? *Velha*.
b. Como tu estás te sentindo hoje? *Feliz*.

Antes de passarmos à análise de construções com verbos de alternância causativa, vejamos como as estruturas em (14) se comportam ao serem submetidas aos testes apresentados na seção 2, que manifestam propriedades determinantes na formação de

⁹ Kratzer considera (69b), apresentado por Legendre (1997, 46f.) como um exemplo de resultativa adjetiva, como uma construção adverbial: (69b) *Il lui a coupé les cheveux court* (Ele cortou os cabelos curto). A autora afirma ser este um caso de construção resultativa em que um adjetivo aparente adquire um uso adverbial. Cabe ressaltar que, no francês, *court* não se flexiona para estabelecer a concordância com *cheveux* (plural), dando, portanto, indícios de um emprego adverbial, o que não se verifica no português, em que a estrutura exige a flexão do predicado secundário para o estabelecimento da concordância. Texto original: “69(b) is one of those resultative constructions where the apparent ‘adjective’ can be parsed as an adverb (‘How did he cut his hair?’), and, as expected, *court* does indeed have purely adverbial uses.”

RECH – A formação de construções resultativas no português brasileiro

resultativas, como o *aspecto télico do evento* e a *composição semântica dos adjetivos*. Recordemos que eventos télicos admitem apenas PP delimitador (*em X tempo*), enquanto eventos atélicos figuram com PP durativo (*por X tempo*). Observe os exemplos em (18):

- (18) a. Ela cortou o cabelo curto em uma hora/*por uma hora.
b. Ele desenhou o círculo torto em um minuto/*por um minuto.
c. Ela costurou a saia justa em uma hora/*por uma hora.
d. Ele fabricou a cadeira torta em dois meses/*por dois meses.

As sentenças em (18) combinam apenas com PP delimitador (*em X tempo*), o que é uma indicação clara de sua leitura resultativa. É importante salientar, contudo, que o predicado secundário não modifica a classe aspectual do predicado primário, que já é télico, conforme mostra o exemplo (19):

- (19) a. Ele cortou o cabelo em cinco minutos/??por cinco minutos¹⁰.
b. Ele desenhou o círculo em cinco minutos/*por cinco minutos.

Seria diferente com (20):

- (20) a. John hammered the metal **in an hour/for an hour*.
b. John hammered the metal flat *in an hour/*for an hour*.

em que o predicado secundário *flat* (plano) forma uma resultativa verdadeira, pois altera o aspecto do verbo *hammer* (martelar) de atélico em (20a) para télico em (20b).

Por fim, apresento o comportamento das estruturas em questão quando combinadas com modificadores como *completamente/totalmente*. Segundo Wechsler (2005), a modificação da propriedade descrita pelo predicado secundário por esses advérbios constitui um indício de que a construção é uma resultativa adjetiva (ver seção 2.2). Observemos os exemplos em (21):

- (21) a. Ela cortou o cabelo *completamente/totalmente* curto.
b. Ela costurou a saia *completamente/totalmente* justa.

Em ambas as construções, os advérbios *completamente/totalmente* atuam sobre o predicado secundário, modificando as propriedades descritas por esses predicados, corroborando, assim, com a hipótese de que esses predicados são APs com um limite lexical inerente, que indica o estado resultante do término da ação. Em (21a), por exemplo, *completamente curto* não significa simplesmente *muito curto*, mas demarca que o evento está bem próximo de seu ponto final ou já atingiu o seu limite, diferentemente da alteração gerada em construções descritivas ou circunstanciais, como em “Ele chegou completamente

¹⁰ É importante observar que o PP durativo é possível nesta construção, mas com uma interpretação atélica, ou seja, o evento não é dado como terminado.

bêbado”, em que o predicado *bêbado* também é modificado pelo advérbio *completamente*, mas o advérbio assume, nesta sentença, apenas uma leitura de intensificador do adjetivo. Cabe ressaltar ainda que a expressão do predicado secundário em sentenças como “Ela cortou o cabelo *curto*” não indica necessariamente que o evento não possa ser retomado, ou seja, é possível imaginar uma situação em que o cabeleireiro continue a praticar a ação, encurtando ainda mais o cabelo do cliente. No entanto, temos de considerar que “[...] a língua, na maioria das vezes, deixa de falar da ação quando passa a falar do resultado: e pode ser uma boa idéia não querer que a semântica explique aquilo que a língua deixa propositalmente vago, nem que seja pelas dificuldades que já temos em explicar aquilo que é explícito.” (Ilari, 2006, p. 21-22).

Considerando a construção resultativa como uma operação que transforma um verbo atélico em télico (cf. Rothstein, 2004)¹¹, e não simplesmente como uma construção que expresse resultado, concluo que o português não forma resultativas verdadeiras com verbos transitivos que não admitem alternância causativa. Isso se deve ao fato de a mudança no aspecto desses verbos não estar relacionada ao predicado secundário, e sim às propriedades de seu objeto, dentre as quais destaco a definitude.

4.2 Sintagma adjetivo simples no predicado secundário de construções com verbos transitivos de alternância causativa

Folli e Ramchand (2001) distinguem dois tipos de resultativas adjetivas em inglês: as formadas com verbos atélicos e as formadas com verbos télicos, conforme os exemplos a seguir (op. cit., p. 9):

- (22) a. John pounded the metal flat.
John bateu o metal plano.
“John bateu o metal até ele ficar plano.”
b. John broke the safe open.
John quebrou o cofre aberto.
“John quebrou o cofre, que ficou aberto.”

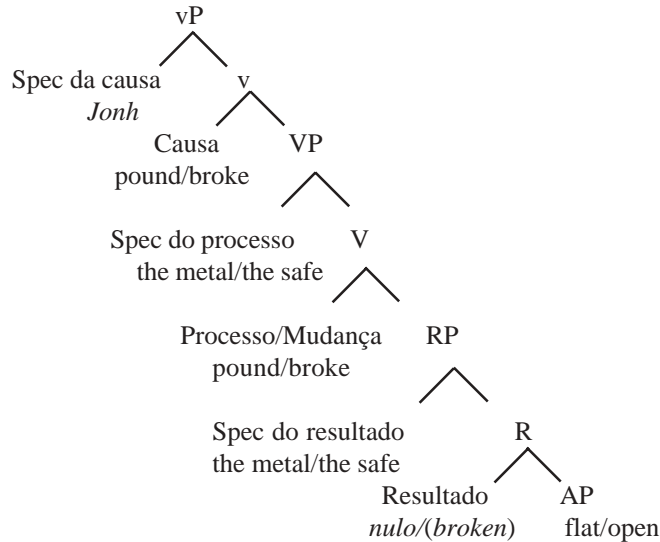
Em (22a) há o acréscimo de um AP resultativo não licenciado pelo verbo *pound*, que é atélico. De acordo com Folli e Ramchand (2001), apenas (22a) constitui uma resultativa verdadeira, pois permite a combinação de um verbo atélico (atividade) com um predicado secundário para expressar um processo seguido por um estado resultante¹². Em (22b),

¹¹ Rothstein (2004, p. 5) comprova, a partir de exemplos do inglês, que verbos de atividade (atélicos) tornam-se télicos quando um predicado resultativo é adicionado à estrutura. Texto original: “The second construction is the resultative construction, illustrated in (8), where an atelic activity verb heads a VP which can be telic when a resultative predicate is added: (8) a. Mary hammered the metal for an hour/*in an hour; b. Mary hammered the metal flat *for an hour/in an hour; c. John sang for an hour/*in an hour; d. John sang the baby asleep *for an hour/in an hour.

¹² (Folli & Ramchand, 2001, p.1) “With regard to resultatives, some languages (e.g., English, German, Chinese, etc.) allow the combination of an activity verb and a secondary predicate (typically a PP or AP) to express a process followed by an endpoint state”.

teríamos uma resultativa não genuína, uma vez que o verbo *break*, por implicar mudança de estado, licencia o sintagma resultativo *open*. Ambas as sentenças teriam, entretanto, a mesma estrutura, diferenciando-se apenas pelo item que ocupa a posição de núcleo de RP (ver seção 3), conforme mostra (23):

(23)



Em português, os verbos de alternância causativa parecem também licenciar, em alguns casos, um adjetivo resultativo, talvez pelo fato de sua semântica implicar mudança de estado. Convém ressaltar, entretanto, que essas construções são pouco produtivas e podem parecer estranhas a certos falantes, mas merecem nossa atenção, uma vez que constituem construções gramaticais¹³. Para abordar estes casos, apresento em (24) alguns exemplos:

- (24) a. O navio afundou inundado.
 b. O arroz cozinhou empapado.
 c. O solo secou rachado.
 d. O vaso quebrou despedaçado.

O sintagma *inundado*, em (24a), parece de fato constituir uma conseqüência direta do processo *afundar*, visto que esse estado pode ser atingido quando, por exemplo, o comandante comete um erro (Causa), o que gera uma mudança de estado no navio, indicada pelo verbo *afundar*, ocasionando, assim, sua inundaçã, pois todo navio submerso na água inunda em X tempo. Em (24b), o sintagma *empapado* também constitui um resultado

¹³ Ilari (2006, p. 26) reconhece a possibilidade de formar construções resultativas em sentido lato a partir de verbos de alternância causativa ao apresentar a sentença “Assou o churrasco carbonizado” como um exemplo de construção que exprime resultado.

direto da ação verbal *cozinhar*, pois a realização dessa ação por um tempo além do recomendado tem como resultado uma mudança de estado no arroz, que se transforma em uma papa, substância mole por ação do cozimento. Em (24c), parece evidente que a *rachadura* do solo é consequência de ele *secar* pela ação de um elemento causativo não expresso, como, por exemplo, o *sol forte*: ‘O sol forte secou tanto o solo que ele apresentou rachaduras’. O sintagma *despedaçado* em (24d) é igualmente resultativo, pois esse novo estado do vaso foi adquirido pela ação descrita pelo verbo *quebrar*, ou seja, o vaso tornou-se despedaçado por ter sido quebrado.

A seguir, testo a possibilidade das construções em (24) combinarem com PP delimitador e/ou PP durativo, o que revela o caráter aspectual do evento:

- (25) a. O navio afundou (inundado) em poucas horas/*por poucas horas.
b. O arroz cozinhou (empapado) em 40 minutos/*por 40 minutos.
c. O solo secou (rachado) em três dias/*por três dias.
d. O vaso quebrou (despedaçado) num instante/*por um instante.

Os exemplos em (25) mostram que o aspecto télico não é licenciado pelo sintagma resultativo, mas pelo próprio verbo, uma vez que seu conteúdo semântico envolve mudança de estado, conforme foi observado por Levin e Rappaport-Hovav (1995).

Ainda quanto ao aspecto télico do evento, observemos o comportamento das construções em (24) em relação aos advérbios *completamente/totalmente*:

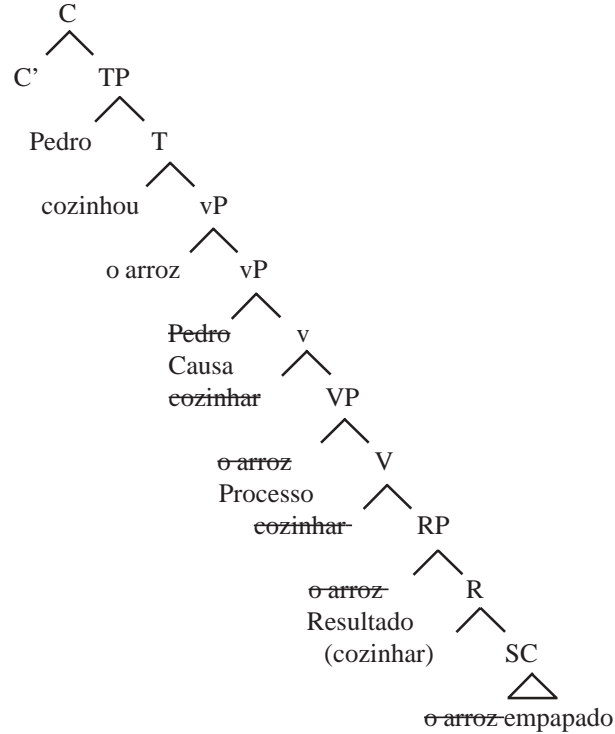
- (26) a. O navio afundou *completamente/totalmente* inundado.
b. O arroz cozinhou *completamente/totalmente* empapado.
c. O solo secou *completamente/totalmente* rachado.
d. O vaso quebrou *completamente/totalmente* despedaçado.

Nas sentenças em (26), os advérbios *completamente/totalmente* atuam sobre o predicado secundário, indicando que o estado descrito parece ter atingido o seu ponto final. Por exemplo, em (26a), *completamente inundado* pode significar inundado por completo, em todos os seus compartimentos.

Apresento em (27) a estrutura de uma sentença em que um verbo de alternância causativa figura com o elemento causativo e com um sintagma adjetivo, indicando o resultado do processo de mudança de estado.

(27) a. Pedro cozinhou o arroz empapado.

b.



A representação em (27b) ilustra uma de minhas hipóteses sobre a estrutura das resultativas no português, formulada com base em Levin e Rappaport-Hovav (1995) e em Folli e Ramchand (2001). A proposta está centrada na propriedade dos verbos de alternância causativa de descreverem processos de mudança de estado. Esses verbos constituem o núcleo da construção resultativa (RP) e marcam o aspecto télico do evento.

Um outro aspecto que quero observar é que a forma assumida pelo predicado secundário parece exercer um papel importante no licenciamento de sintagmas resultativos adjetivos com verbos alternantes. Para ilustrar essa restrição, apresento as sentenças em (28):

- (28) a. *A maçã amadureceu *vermelha*.
 b. A maçã amadureceu *avermelhada*.

A agramaticalidade de (28a) revela que o português apresenta restrições ao emprego de adjetivos como resultativos em construções com verbos transitivos de alternância causativa; quando o adjetivo assume, entretanto, a forma de particípio, a sentença torna-se aceitável na língua. Volto a afirmar que o que está em jogo aqui não é a produtividade das construções, pois sentenças como (28b) não são produzidas regularmente no português.

4.2 Sintagma adjetivo complexo no predicado secundário

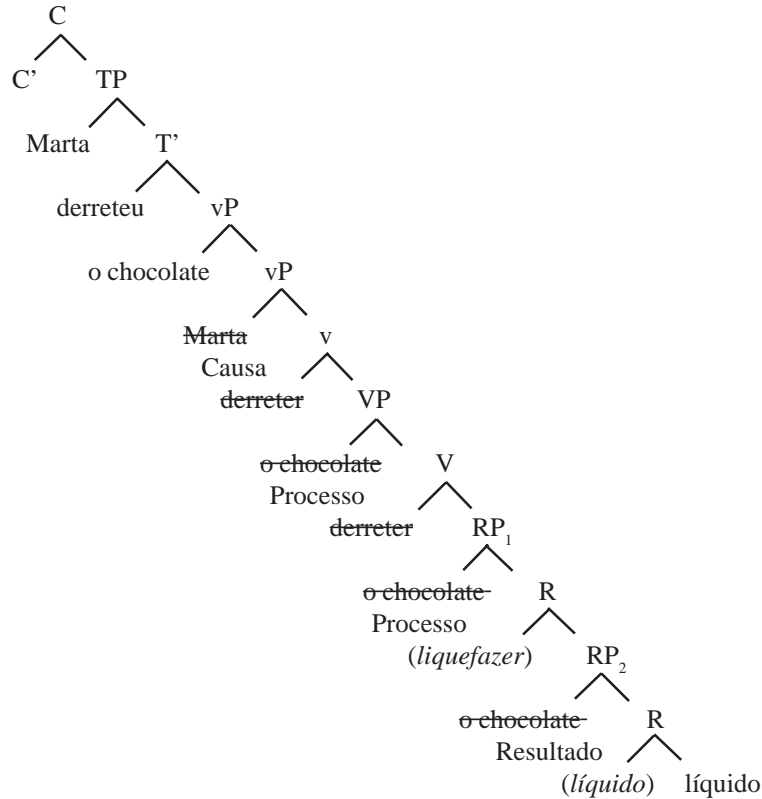
Uma resultativa adjetiva se torna natural no português, assim como no italiano (cf. Folli & Ramchand, 2001, p. 16), se o estado resultante do evento for expresso por um predicado complexo, que se constrói pela duplicação do adjetivo ou pela sua combinação com um advérbio de intensidade. Comparemos (29), que apresenta resultativas com adjetivos em sua forma simples, com (30), em que assumem uma estrutura complexa:

- (29) a. *Marta derreteu o chocolate líquido.
b. * A maçã amadureceu vermelha.
c. # Joana limpou a casa limpa.
d. # Pedro pintou a casa amarela.
- (30) a. Marta derreteu o chocolate líquido, líquido/muito líquido.
b. A maçã amadureceu vermelhinha, vermelhinha/bem vermelhinha.
c. Joana limpou a casa limpinha, limpinha/bem limpinha.
d. Pedro pintou a casa amarelinha, amarelinha/bem amarelinha.

Os exemplos acima nos revelam que o adjetivo em sua forma superlativa, seja por sua duplicação ou pelo acréscimo de um advérbio de intensidade, se comporta diferentemente do adjetivo simples na formação de resultativas. A possibilidade de formar resultativas com adjetivos superlativos é devido a sua morfologia complexa, que repercute numa sintaxe igualmente complexa, que contém categorias funcionais distintas das presentes nas estruturas com adjetivos simples.

Segundo Folli & Ramchand (2001, p. 8), a duplicação de um adjetivo como '*líquido líquido*' em (30a) apresenta a estrutura mostrada em (31):

(31)



A estrutura complexa do sintagma resultativo (RP) representada acima é constituída de dois núcleos, um deles corresponde ao Processo (*liquefazer*), e o outro ao Estado (*líquido*), dando origem, assim, a um *accomplishment*.

Chamo a atenção para o fato de as resultativas com sintagmas adjetivos complexos não serem licenciadas por verbos transitivos de alternância causativa, conforme releva a estrutura em (31). Essa hipótese é corroborada pela boa formação das sentenças em (30c-d), cujos verbos (*limpar* e *pintar*) não admitem alternância causativa nem implicam mudança de estado.

4.3 PP no predicado secundário

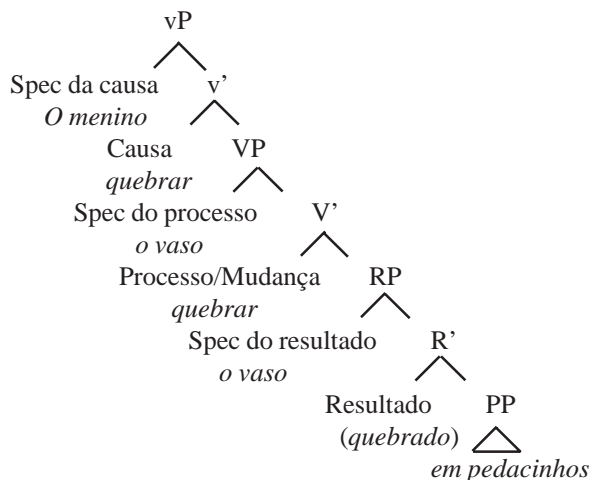
As resultativas com verbos transitivos de alternância causativa cujo predicado secundário é um PP são muito naturais no português se comparadas às resultativas adjetivas simples, abordadas nas seções 4.1 e 4.2. Vejamos alguns exemplos em (32):

- (32) a. O menino quebrou o vaso em pedacinhos / O vaso quebrou em pedacinhos.
 b. A prefeitura implodiu o prédio em cinzas/O prédio implodiu em cinzas.
 c. A baixa temperatura congelou a água em blocos / A água congelou em blocos.

As construções em (32) constituem resultativas, pois os predicados secundários indicam um estado do objeto direto resultante da ação descrita pelo verbo. Em (32a), por exemplo, *o vaso* ficou *em pedacinhos* pelo fato de *o menino* (elemento causativo) ter realizado a ação de *quebrar*, gerando uma mudança de estado no objeto. A mesma análise se aplica aos itens (32b,c), cujos predicados secundários são igualmente resultantes da ação verbal. Em (32b), *em cinzas* descreve o estado que *o prédio* se encontra após a realização da ação descrita pelo verbo principal (*implodir*). Em (32c), *em blocos* também indica o estado resultante da água depois da realização da ação *congelar*.

Em (33) apresento a estrutura correspondente às construções em (32), em que um sintagma PP resulta diretamente da ação verbal.

- (33) a. O menino quebrou o vaso em pedacinhos.
 b.



A estrutura em (33b) é semelhante à das resultativas adjetivas com verbos transitivos de alternância causativa, pois em ambas o núcleo de RP é ocupado por um verbo de mudança de estado que licencia o aspecto télico. A diferença está apenas na forma assumida pelo sintagma resultativo, indicando que os verbos de alternância causativa podem licenciar complementos cujo núcleo é expresso por um AP, como em (27b), ou por um PP, como em (33b).

Conforme já foi abordado, os verbos transitivos que não admitem alternância causativa podem assumir uma leitura télica ou atélica, dependendo das propriedades do objeto com o qual figuram na construção (ver seção 4.1). Observe o exemplo (34), em que esses verbos aparecem com objeto definido e com PPs no predicado secundário:

- (34) a. Pedro cortou o pão *em fatias*.
b. O professor dividiu o texto *em parágrafos*.
c. Marta separou os livros *em fileiras*.

Os sintagmas *em fatias*, *em parágrafos* e *em fileiras* expressam o ponto culminante em que resulta a ação. Entretanto, na perspectiva adotada neste trabalho, esses PPs não constituem sintagmas resultativos verdadeiros, pois não são os responsáveis pela alteração no aspecto do verbo. É importante observar, ainda, que o modo de realização das ações em (34) é relevante para o estado final do referente do objeto, o que não se constata em (32). Em (34a), por exemplo, Pedro poderia ter cortado o pão *em cubos*, *em pequenos pedacinhos* ou *em fatias*, como desejou fazê-lo; a questão é que o estado resultante do pão (*em fatias*) é consequência do modo como Pedro realiza a ação de cortar, e não da ação em si. As construções em (34) diferem das em (32) ainda quanto às propriedades do argumento externo. Nas sentenças em (32), o argumento externo constitui um elemento causativo, que funciona apenas como Causa (*desencadeador*) da ação; ao passo que, em (34), o traço volição está presente no argumento externo, pois o modo como o sujeito decide realizar a ação é determinante para a descrição do estado final do objeto. É preciso, entretanto, investigar mais detidamente este processo para verificar se ele é regular e, ainda, se está relacionado à formação das construções resultativas. Por ora, apenas gostaria de chamar a atenção do leitor para esta diferença.

Ao submetermos as construções em (32) e (34) ao teste do acréscimo de PPs durativos (*por X tempo*) e delimitadores (*em X tempo*) para verificar o aspecto do evento, obtemos resultados semelhantes, conforme mostram os exemplos (35) e (36):

- (35) a. O menino quebrou o vaso em pedacinhos *em instantes/*por instantes*.
b. O prédio implodiu em cinzas *em segundos/*por segundos*.
c. A água congelou em blocos *em minutos/*por minutos*.
(36) a. Pedro cortou o pão em fatias *em minutos/*por minutos*.
b. O professor dividiu o texto em parágrafos *em instantes/*por instantes*.
c. Marta separou os livros em fileiras *em vinte minutos/*por vinte minutos*.

A possibilidade de combinarmos (32) e (34) com PPs delimitadores evidencia que a marcação do término do evento não ocorre somente em construções com verbos transitivos de alternância causativa. Em (35), o acréscimo do PP delimitador não está condicionado à presença do sintagma resultativo, pois o verbo já licencia o aspecto télico, uma vez que implica mudança de estado; em (36), a sentença adquire a interpretação télica devido à combinação dos traços do verbo com os de seu objeto, e não pela presença do predicado secundário, pois os predicados primários são télicos independentemente do sintagma resultativo.

Finalmente, abordo o emprego da preposição *até* em sintagmas que indicam resultado. Segundo Ilari (2006), o uso da palavra *até* é uma forma bastante produtiva e espontânea de expressar resultado em português, conforme revela o exemplo a seguir:

- (37) Ele bebeu até cair.

A sentença (37) significa que ele bebeu tanto que caiu, ou seja, a queda é resultado da realização da ação além de um certo limite.

Ilari aponta, entretanto, dois problemas na interpretação de sintagmas introduzidos pela preposição *até* como resultativos. O primeiro deles é que esta preposição é empregada em construções muito distintas entre si, dentre as quais ele cita: orações com verbo finito, reduzidas e nominalizações. Nas construções com verbo, a variação pode ocorrer ainda na manutenção ou não do sujeito da oração principal. O outro problema pontuado pelo autor é que a preposição *até* não indica resultado, mas limite. A interpretação de resultado seria, portanto, uma conseqüência do avanço do processo além de um certo ponto, como mostra o exemplo (38), extraído de Ilari (2006, p. 15):

(38) Dividir o dividendo pelo divisor até a casa dos centésimos.

A interpretação do autor para esta sentença é que o sintagma grifado indica a conseqüência natural da continuidade da ação de dividir.

A classificação da preposição *até* como indicadora ou não de resultado requer um exame detalhado das diferentes construções em que pode figurar e também dos sentidos gerados em cada um de seus empregos, considerando sua diversidade, sinalizada por Ilari (2006).

4.4 DP no predicado secundário

As construções com um DP como predicado resultativo são raras no português. Lobato (2004, p. 167) restringe a formação desse tipo de resultativa a verbos ‘de eleição’, como *eleger*, *nomear*; um DP resultativo pode, entretanto, figurar também com verbos ‘de titulação’, como *formar*. Em (39) ilustro respectivamente essas construções:

- (39) a. O voto dos operários elegeu Lula presidente.
b. A turma nomeou Pedro nosso representante.
c. A UFSC formou Marta médica.

Tanto os verbos *eleger* e *nomear* quanto o verbo *formar* não participam de alternância causativa; conseqüentemente, seu argumento interno não sofre mudança de estado por efeito da ação verbal. Em (39a,b), o que ocorre é uma modificação na situação funcional dos referentes dos DPs *Lula* e *Pedro*; em (39c), por sua vez, é o grau de escolaridade do referente do objeto que sofre alteração.

A combinação das construções em (39) com um PP delimitador (*em X tempo*), e não com um PP durativo (*por X tempo*), revela seu caráter resultativo, como mostro a seguir:

- (40) a. O voto dos operários elegeu Lula presidente *em poucas horas* /**por poucas horas*.
b. A turma nomeou Pedro nosso representante *em vinte minutos* /**por vinte minutos*.
c. A UFSC formou Marta médica *em seis anos* /**por seis anos*.

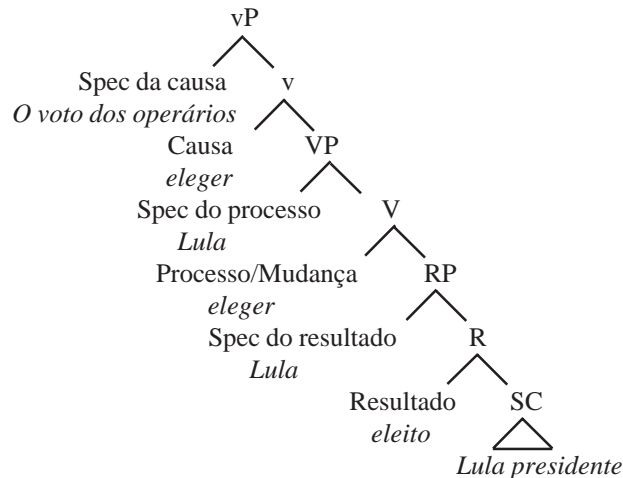
Os exemplos em (40) comprovam que verbos de *eleição* e de *titulação* descrevem um processo com um término definido; são, portanto, télicos, à semelhança dos de mudança de estado. Entretanto, é possível combinar os predicados secundários dessas construções com PPs durativos, conforme ilustro a seguir:

- (41) a. Lula seria presidente por poucas horas.
 b. *Lula seria eleito presidente por poucas horas.

A má-formação de (41b) evidencia que a restrição a PPs durativos está relacionada ao verbo *eleger*, que licencia o aspecto télico do evento, e não ao predicado secundário, como ocorre nas resultativas verdadeiras do inglês (ver o exemplo (20) na seção 4.1).

Além de licenciarem o aspecto télico, os verbos de *eleição* e de *titulação* figuram em construções que contêm as diferentes projeções da estrutura do evento: *Causa*, *Processo* e *Resultado*. A presença das subpartes do evento nas construções com esses verbos sugere que eles se comportam como os verbos de alternância causativa, selecionando um sintagma resultativo para marcar o término do evento. Em (42), apresento a estrutura correspondente às sentenças em (39):

- (42) a. O voto dos operários elegeu Lula presidente.
 b.



A representação acima ilustra minha hipótese sobre a estrutura resultativa dos verbos de *eleição* e de *titulação*. Esses verbos constituiriam o núcleo de RP, selecionando como seu complemento uma SC equativa, ou seja, uma estrutura composta de dois DPs definidos em relação de identidade, uma vez que apontam para o mesmo referente. A estrutura comportaria, ainda, vP, introduzindo o evento *causa* e licenciando o sintagma *o voto dos operários* como argumento externo, cuja função seria a de desencadear o evento *processo*; e VP, licenciando em seu Spec o DP *Lula* como objeto do processo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, há uma certa oscilação na literatura sobre o que considerar uma resultativa verdadeira. Para Folli e Ramchand (2001), resultativas genuínas são aquelas em que há o acréscimo de um RP não licenciado pelo verbo, ou seja, quando um verbo atélico figura com um sintagma resultativo. Fontanals (2000) e Kratzer (2004), por sua vez, estabelecem essa distinção opondo as resultativas adjetivas às adverbiais, ditas falsas. Adotei neste artigo a definição proposta por Rothstein (2004), que considera construções resultativas aquelas em que um verbo atélico (atividade) se transforma em télico (*accomplishment*, na terminologia de Vendler) pelo acréscimo de um predicado secundário resultativo na estrutura.

O objetivo principal deste artigo foi o de investigar a existência de resultativas verdadeiras no português. A partir da aplicação de testes como o acréscimo de PPs delimitadores e durativos, da análise da composição semântica dos adjetivos e da definição adotada a partir de Rothstein (2004), constatei que o português não forma resultativas ditas verdadeiras com verbos transitivos que não admitem alternância causativa, pois a mudança no aspecto desses verbos não está relacionada ao predicado secundário, mas à combinação das propriedades do verbo com as de seu objeto. As conclusões são semelhantes para os verbos de alternância causativa, uma vez que estes, por implicarem mudança de estado, já licenciam o aspecto télico do evento, independente do predicado secundário. Esse resultado vai ao encontro da proposta de Folli e Ramchand (2001), que atribuem a inexistência de resultativas verdadeiras nas línguas românicas à ausência de um elemento nulo para ocupar a posição de núcleo de RP e marcar o aspecto télico do evento, como ocorre nas germânicas (ver seção 4.2).

Conforme procurei demonstrar ao longo deste artigo, o português brasileiro não dispõe de construções resultativas equivalentes às encontradas em línguas germânicas, em que o predicado secundário licencia o aspecto télico e descreve o estado resultante do evento. O português apresenta, entretanto, outras formas para expressar a noção de resultado, dentre as quais destaco (a) APs e PPs como predicados secundários em construções com verbos sem alternância causativa, cujo objeto apresenta o traço [+definido]; (b) APs e PPs como predicados secundários em construções com verbos de alternância causativa; (c) sintagmas adjetivos complexos no predicado secundário de verbos com ou sem alternância causativa; e, por fim, (d) DPs no predicado secundário de verbos de *eleição* e de *titulação*, que geram modificação na função ou na escolarização do referente do objeto. É importante, contudo, continuarmos investigando essa noção para descobrirmos a diversidade de estruturas sintáticas que o português brasileiro apresenta para expressá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOLLI, R.; HARLEY, H. (2006). *Consuming results in Italian and English: flavors of v*. Disponível em: <http://dingo.sbs.arizona.edu/~hharley/PDFs/Papers.html#Folli_Consuming_Results>. Acesso em: 04 ago.
- FOLLI, R.; RAMCHAND, G. (2006). *Prepositions and Results in Italian and English: an analysis from event decomposition*. Disponível em: <<http://www.hum.uit.no/a/ramchand/rdownloads/folliramfin.pdf>>. Acesso em: 04 ago.

RECH – A formação de construções resultativas no português brasileiro

- FOLTRAN, M. J. (1999). *As Construções de Predicação Secundária no Português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de Doutorado. São Paulo.
- FONTANALS, J. M. (2000). *Why Can't We Wipe the Slate Clean? A Lexical-Syntactic Approach to Resultative Constructions*. *Catalan Working Papers in Linguistics*. v. 8, p. 71-95.
- ILARI, R. (2006). *Expressão do resultado e construções resultativas numa reflexão de Lúcia Lobato*. GEL.
- KRATZER, A. (2006). *Building Resultatives*. Disponível em: <<http://semanticsarchive.net/Archive/GY4ZThjZ/Building%20Resultatives.pdf>> Acesso em: 15 ago.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV. (1995). *Unaccusativity: at the syntax lexical-semantics interface*. Cambridge MA: MIT Press.
- LOBATO, L. (2004). Afinal, existe a construção resultativa em português? In: Lígia Negri, Maria José Foltran, Roberta Pires de Oliveira (org.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto. p. 142-180.
- ROTHSTEIN, S. *Verb Classes and Aspectual Classification*. Disponível em: <http://www.blackwellpublishing.com/content/BPL_Images/Content_store/Sample_chapter/1405106670/Rothstein_001.pdf>
- VENDLER, Z. (1967). Verbs and Times. In Z. Vendler. *Linguistics in Philosophy*. NY: Ithaca, p. 97-121.
- WECHSLER, S. (2006). *Resultatives Under the 'Event-Argument Homomorphism' Model of Telicity*. Disponível em: <<http://uts.cc.utexas.edu/~wechsler/>>. Acesso em: 15 ago.